

NATALIA GINZBURG

Léxico familiar

Tradução e notas

Homero Freitas de
Andrade

Prefácio

Alejandro Zambra

Posfácio

Ettore Finazzi-Agrò



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1963, 1986, 1999, 2010, 2014 Giulio Einaudi editore s.p.a., Turim
Primeira edição col. Supercoralli, 1963

Copyright do prefácio © by Alejandro Zambra

Copyright do posfácio © by Ettore Finazzi-Agrò

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Lessico familiare

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

Louise Bourgeois, *Ode à La Bièvre* (detalhe, p.21), 2007

Tradução do prefácio

Livia Deorsola

Revisão

Valquíria Della Pozza

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ginzburg, Natalia, 1916-1991

Léxico familiar / Natalia Ginzburg ; tradução Homero Freitas
de Andrade ; prefácio Alejandro Zambra ; posfácio Ettore Finazzi-
Agrò ; [tradução do prefácio Livia Deorsola]. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

Título original: Lessico familiare

ISBN: 978-85-359-2987-4

1. Autores italianos — Ficção 2. Ginzburg, Natalia, 1916-
-1991 — Ficção 3. Guerra Mundial, 1939-1945 — Itália — Ficção
I. Zambra, Alejandro. II. Finazzi-Agrò, Ettore. III. Título.

17-10659

CDD-853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção autobiográfica : Literatura italiana 853

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio — A alegria do relato, Alejandro Zambra, 7

LÉXICO FAMILIAR, 13

Notas de apoio, 233

Posfácio — O bordado da memória, Ettore Finazzi-Agrò, 239

Prefácio

A alegria do relato

Alejandro Zambra

A descoberta de um grande escritor de alguma maneira modifica tudo o que sabíamos ou acreditávamos saber; seus livros estavam, desde sempre, à espera, e nos sentimos meio bobos por chegar tão tarde ao seu encontro. “De vez em quando sinto que um livro foi escrito especialmente para mim, e só para mim”, diz W. H. Auden, que em seguida confessa a cômica resistência a compartilhar o achado: “Como um amante ciumento, quero evitar que o mundo conheça sua existência”.

Isso aconteceu comigo há dez anos, quando descobri Natalia Ginzburg: eu hesitava entre escrever sobre ela logo ou ficar completamente calado... Não demorou para eu dar com a língua nos dentes, claro: escrevi uma crônica mínima, felizmente contaminada pela admiração, na qual declarava — exagerando — que minha única atividade naqueles últimos meses havia sido ler Natalia Ginzburg. Poderia dizer algo do tipo agora: a única coisa que tenho feito ao longo desses dez anos tem sido ler Natalia Ginzburg. É mentira, mas uma mentira bonita, adoraria que fosse verdade.

É uma mentira bonita e enorme, porque da autora, até aqui,

li apenas os cerca de dez livros que traduziram para o espanhol, especificamente para o espanhol da Espanha, uma língua que nós, leitores latino-americanos, compreendemos mais ou menos bem, mas cuja distância — cuja alienação — acaba nos sendo quase impossível desprezar. Ao desejo de ter lido antes Natalia Ginzburg soma-se o de saber italiano, não de aprender o idioma, mas de sabê-lo já, de repente. Nunca é fácil.

Léxico familiar é a história de uma família judia e antifascista que vive o horror, e apenas em parte sobrevive a ele. Mas Natalia Ginzburg não enfatiza o grande relato, o testemunho de uma época: ela escreve com precisão e fluidez, com genuíno amor às pessoas e às palavras. Por isso consegue retratar seu tempo: porque nos aproxima das frases rabugentas de seu pai, dos rompantes de sua mãe, da linguagem perdida de sua comunidade. Não idealiza; ao contrário, desdramatiza: respeita as quebras, as fissuras, busca os matizes na memória, e não na literatura, mas ao mesmo tempo entende a literatura como única forma de expressão.

“Escrevi apenas aquilo de que me lembrava”, adverte a autora, como que se desculpando pelas possíveis lacunas de *Léxico familiar*, que pode ser lido tal qual um livro de memórias ou um romance escrito por alguém que preferiu não alterar os nomes nem os fatos reais: “Toda vez que, nas pegadas do meu velho costume de romancista, inventava, logo me sentia impelida a destruir tudo o que inventara”, diz, mas também manifesta o desejo de que seu livro seja recebido como um romance, “sem exigir dele nada a mais, ou a menos, do que um romance pode oferecer”.

Esta última frase é a chave, pois marca o amável mas secretamente categórico repúdio aos olhares paternalistas ou condescendentes. São inumeráveis os romances e filmes que procuram

se legitimizar mediante a fórmula “baseado em fatos reais”, mas Natalia Ginzburg prefere, em nome do leitor, uma valorização que transcenda o meramente referencial. “A unidade do texto é constituída unicamente pelo *actus purus* de recordar”, diz Walter Benjamin a respeito de *Em busca do tempo perdido*, e o mesmo poderia ser dito de uma obra singularmente proustiana como *Léxico familiar*. Também Natalia apela ao que Benjamin belamente chama de “legalidade da recordação”, que sem dúvida é interna, intransferível, impossível de verificar: só aquele que recorda tem acesso a essa “legalidade”.

Em uma passagem inicial de *Léxico familiar*, a autora contrapõe o jeito paterno de contar uma história (“daquelas narrativas rompidas por longas risadas, nós não entendíamos lá muita coisa”) aos costumes narrativos de sua mãe: “Começava a contar à mesa dirigindo-se a um de nós: e quer quando contava sobre a família de meu pai, quer quando contava sobre a sua, enchia-se de alegria e era sempre como se contasse aquela história pela primeira vez, para ouvidos que dela não sabiam nada”.

Se alguém — em geral o pai — reclamava que já havia escutado aquela história muitas vezes, a mãe se dirigia a outro interlocutor e continuava a contar em voz mais baixa. Gosto muito desse detalhe. Quando alguém repete uma história, supomos que não se lembra de já tê-la contado, mas muitas vezes repetimos histórias conscientemente, porque somos incapazes de reprimir o desejo, a alegria de voltar a contá-las.

Isso está no centro de *Léxico familiar*: a alegria do relato. É natural que a história oficial costume descartar o que parece limítrofe ou supérfluo. Natalia Ginzburg não teme parecer ingênua ou pouco séria, ou inclusive frívola; não teme, sobretudo, nem um pouquinho, o humor. “Em nossa casa, travavam-se acaloradas discussões sobre a beleza e a feiura das pessoas”, diz a narradora, e em seguida o exemplifica desta forma banal, totalmente

reconhecível e irresponsável: “Discutia-se ainda se uma tal de dona Gilda, governanta em Palermo numa família de amigos nossos, era bonita ou não. Meus irmãos afirmavam que era muitíssimo feia, uma espécie de focinho de cachorro; mas minha mãe dizia que era de uma beleza extraordinária”.

A enorme originalidade desta obra reside em sua tremenda simplicidade. Qualquer um, a partir do exercício de recordar as frases recorrentes em sua própria família, poderia escrever um livro como este. Imitá-lo (ou “aplicá-lo” à própria vida) é, de fato, um dispositivo de escrita perfeito: juntar frases, contextualizá-las minimamente, e depois ir relacionando essas histórias. Praticamente qualquer um que siga esse procedimento com certa disciplina terminaria escrevendo um livro, claro que muito diferente e também, em certo sentido, parecidíssimo a este *Léxico familiar*.

A originalidade de Natalia Ginzburg está, também, em sua recusa em buscar a originalidade em outro lugar que não na própria natureza da experiência. Ela sabia, como ninguém, que era impossível não ser original. Que qualquer família, que qualquer pessoa quando vista de perto revela sua condição única. Ou não a revela, mas não a nega: mostra sua opacidade, seu recanto impossível, a evidência de seu segredo. “Uma dessas frases ou palavras faria com que nós, irmãos, reconhecêssemos uns aos outros na escuridão de uma gruta, entre milhões de pessoas”, diz a narradora na hora de explicar seu projeto. Ela o faz, é evidente, com suma clareza, e com extrema beleza: “Essas frases são o nosso latim, o vocabulário de nossos tempos idos é como os hieróglifos dos egípcios ou dos assírio-babilônicos, o testemunho de um núcleo vital que deixou de existir, mas que sobrevive em seus textos, salvos da fúria das águas, da corrupção do tempo”.

Natalia Ginzburg não quis escrever o romance que a sangrenta história do século xx lhe tinha predestinado: uma sobrevivente, uma vítima como ela parecia condenada à denúncia li-

teral do horror, ao testemunho detalhado, enfático e meramente documental. Cabia-lhe falar a partir do ressentimento e da dor, que obviamente existem, persistem neste romance, mas sem que cheguem a bloquear o sentido da narração, a direção da memória.

Daí que, durante a maior parte do relato, a narradora esteja ausente: ela é a que recorda, a que observa, e, claro, a que conta a história, mas sua dose de protagonismo é antes escassa ou tácita, sobretudo se se compara este livro com a norma autobiográfica. “Ainda não tinha decidido se, na minha vida, iria estudar os coleópteros, a química, a botânica; ou se, ao contrário, iria pintar quadros, ou escrever romances”, diz de repente, a propósito dos dois mundos possíveis que enfrenta, e essa irrupção quase nos surpreende, tão discreto havia sido seu aparecimento.

O sonho de Natalia quando menina era ganhar o prêmio Fracchia, pois tinha ouvido dizer que era um prêmio para escritores. Mas não encontrou seu estilo na virtuosa imitação dos poemas da moda, e sim, como relata em um dos melhores ensaios de *As pequenas virtudes*, na conversa à mesa familiar: suas frases deviam ser sempre certeiras e breves, porque seus irmãos mais velhos logo perdiam a paciência e a mandavam ficar quieta. Natalia escreveu para assim participar desses diálogos, não para encerrá-los. *Léxico familiar* é de fato — perdoem a redundância — uma *autobiografia familiar*: um autorretrato que fica em um canto do quadro, cujo primeiro plano mostra outros personagens, a pequena multidão dos pais e irmãos e amigos e vizinhos. O eu que aparece nunca está sozinho, e sempre, mais que descrever a si mesmo, quer narrar os demais.

Cada vez que fala da dor, a autora parece nos dizer que os outros sofreram muito mais do que ela, o que não significa, obviamente, adoçar os feitos nem negar o próprio sofrimento; com lucidez e uma valentia a toda prova, Natalia Ginzburg nos mostra seus personagens quando não eram heróis nem vítimas;

quando eram falíveis, quando era possível amá-los menos. E por isso os amamos mais.

Há livros que provocam em seus leitores o desejo de escrever, e outros que antes bloqueiam esse desejo. *Léxico familiar* pertence, sem dúvida, ao primeiro grupo. É impossível lê-lo sem imaginar este outro livro próprio que ainda não existe, mas que deveríamos, por pura gratidão, escrever.

LÉXICO FAMILIAR

Advertência

Neste livro, lugares, fatos e pessoas são reais. Não inventei nada: e toda vez que, nas pegadas do meu velho costume de romancista, inventava, logo me sentia impelida a destruir tudo o que inventara.

Os nomes também são reais. Ao sentir, escrevendo este livro, uma intolerância tão profunda para com qualquer invenção, não pude mudar os nomes verdadeiros, que me pareceram indissolúveis das pessoas verdadeiras. Pode ser que desagrade a alguém encontrar-se deste modo, com seu nome e sobrenome, num livro. Mas quanto a isso não tenho nada a responder.

Escrevi apenas aquilo de que me lembrava. Por isso, se este livro for lido como uma crônica, será possível objetar que apresenta infinitas lacunas. Embora extraído da realidade, acho que deva ser lido como se fosse um romance: ou seja, sem exigir dele nada a mais, ou a menos, do que um romance pode oferecer.

E nele há também muitas coisas que eu lembrava e que deixei de escrever; e dentre essas, muitas que diziam respeito diretamente à minha pessoa.

Não sentia muita vontade de falar de mim. De fato, esta não é a minha história, mas antes, mesmo com vazios e lacunas, a história de minha família. Devo acrescentar que, no decorrer de minha infância e adolescência, propunha-me sempre a escrever um livro que contasse sobre as pessoas que viviam, então, ao meu redor. Este, em parte, é aquele livro: mas só em parte, porque a memória é lábil, e porque os livros extraídos da realidade frequentemente não passam de tênues vislumbres e estilhaços de tudo o que vimos e ouvimos.

Na casa de meu pai, quando era menina, à mesa, se eu ou meus irmãos virávamos o copo na toalha, ou deixávamos cair uma faca, a voz dele trovejava: — Não sejam malcriados!

Se molhávamos o pão no molho, gritava: — Não lambam os pratos! Não façam porcarias! Não façam melecas!

Para meu pai, porcarias e melecas eram também os quadros modernos, que não podia suportar.

Dizia: — Vocês não sabem se comportar à mesa! Não são pessoas que se possam levar aos lugares!

E dizia: — Vocês, que fazem tanta porcaria, se fossem a uma *table d'hôte* na Inglaterra, seriam imediatamente postos no olho da rua.

Tinha pela Inglaterra a mais elevada estima. Achava que era o maior exemplo de civilização no mundo.

Às refeições, costumava tecer comentários sobre as pessoas que vira durante o dia. Era muito severo em seus julgamentos e xingava todo mundo de imbecil. Para ele, um imbecil era “um

parvo”. Pareceu-me um grande parvo dizia, comentando sobre alguém que acabara de conhecer. Além dos “parvos” havia “os negros”. “Um negro”, para meu pai, era quem tinha maneiras deselegantes, estabanadas e tímidas, quem se vestia de modo impróprio, quem não sabia ir à montanha, quem não sabia línguas estrangeiras.

Todo ato ou gesto nosso que considerava impróprio era tachado por ele de “uma negrice”. — Não sejam negros! Não façam negrices! — vivia gritando para a gente. A gama das negrices era grande. Chamava “uma negrice” usar, nos passeios à montanha, sapatos de cidade; puxar conversa, no trem ou na rua, com um companheiro de viagem ou com um transeunte; conversar pela janela com os vizinhos de casa; tirar os sapatos na sala de visitas e esquentar os pés na boca do aquecedor; queixar-se, nos passeios à montanha, de sede, cansaço ou machucados nos pés; levar, aos passeios, alimentos cozidos e engordurados, e guardanapos para limpar os dedos.

Nas caminhadas pela montanha era permitido levar apenas uma determinada espécie de comida, isto é: *fontina*;^{*} geleia; peras; ovos cozidos; e era permitido beber apenas chá, que ele mesmo preparava, numa espiriteira. Baixava a longa testa franzida, de cabelos ruivos à escovinha, sobre a espiriteira; e protegia a chama do vento com as abas de seu casaco, um casaco de lã cor de ferrugem, sem pelo e chamuscado nos bolsos, sempre o mesmo nas temporadas na montanha.

Não era permitido, nas caminhadas, nem conhaque, nem torrões de açúcar: sendo isso, dizia ele, “coisa de negro”; e não era permitido parar para fazer um lanche nos chalés, tratando-se

* Queijo fresco e gordo, cozido, fabricado com leite de vaca; típico de Val d’Aosta e de Val d’Ossola, no Piemonte. Para informações referentes a formas dialetais, personalidades e fatos históricos, ver Notas de apoio, pp. 229-33.